Anais do Semana de Ciência e Tecnologia da PUC Goiás 2014
Disponível em: http://pucgoias.edu.br/ucg/prope/pesquisa/anais/2015/index.htm
ISSN: 2177-3327

# A MÚSICA E SUA INFLUÊNCIA NA PROPAGAÇÃO DE CONCEITOS DISCRIMINATÓRIOS, OFENSIVOS E BANALIZAÇÃO DO PAPEL DA MULHER: UM ESTUDO SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE

**OLIVEIRA,** Daniele Lopes[1].
**CABRAL,** Elisandra Barbosa.[2]

**RESUMO:** O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de analisar como a música influencia os indivíduos. E como hoje a música tem sido utilizada para propagar conceitos machistas que banalizam e vulgarizam o papel da mulher e apregoam ideias preconceituosas e desrespeitosas, diminuindo a função da mulher e sua importância social. Favorecendo a violência e a idealização de uma imagem distorcida do gênero. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica do assunto, foram ouvidos jovens de ambos os sexos com idades entre dezoito à vinte e cinco anos de idade. Foram escolhidos alguns trechos de música dentre as músicas populares da atualidade, e foi realizado um estudo sobre as mensagens apresentados nas canções e como estas mensagens repercutem na sociedade. Na elaboração da pesquisa utilizou-se um referencial analítico-comportamental e psicanalítico, partindo do princípio de que essas são as abordagens mais comumente reconhecidas e utilizadas no campo da Psicologia. Por meio desses referenciais estabeleceu-se uma correlação entre ambas às abordagens através da música, que se mostrou amplamente presente e relevante nessas teorias.

**Palavras-chave:** Psicanálise, História da Música Brasileira, Relações de Gênero.

**ABSTRACT:** This study was conducted in order to analyze how music influences individuals. And as today's music has been used to propagate sexist concepts that trivialize and popularize the role of women and preach disrespectful and prejudiced ideas, reducing the role of women and their social importance .Favoring violence and idealization of a distorted image of the genre. To do a literature review on the subject was held , young people of both sexes were heard, aged eighteen to twenty -five years of age. Some pieces of music were chosen from the most popular songs of today , and a study of the messages displayed in the songs and how these messages resonate in society was held. On completion of this study we used a behavior-analytic and psychoanalytic theory, assuming that these are the most commonly used and recognized approaches in the field of Psychology. Through these benchmarks established a correlation between the two approaches through music, which proved widely present and relevant in these theories.

**Keywords:** gender, violence and machismo.

---

[1]Cursa o Doutorado em Educação na PUC/GO.
[2]Cursa o Doutorado em Educação naFaculdaddel Rosário na Argentina.

## INTRODUÇÃO

Quando estuda-se a história da música pode-se fazê-la de maneira erudita, clássica ou mesmo popular. De acordo com a intencionalidade discursiva é que será definido um sujeito ouvinte, capaz de interpretar e interagir com o mundo sonoro que está sendo proposto. Ainda que somente com notas musicais ou mesmo com letras, o fato é que a música parece atingir a grande maioria das pessoas.

Os seres humanos são eminentemente seres musicais desde a sua formação embrionária. No entanto, o ouvido humano só é fisicamente formado a partir da sétima semana de gestação e a partir da possibilidade de materialização desse som é que se pode iniciar o processo de diferenciação entre ouvir e escutar[1].

O ouvir e o escutar adquirem uma extensão psicanalítica a partir do momento em que a música é um propagador de conceitos que podem ou não estar fixados na sociedade, mas que certamente aguardam apenas a aceitação do inconsciente coletivo para disseminar-se.

Constructos como Freud e Lacan preocupam-se em explicar as emoções que ocorrem nas pessoas quando escutam músicas. A partir desses conceitos aqui realizamos uma análise crítica das músicas brasileiras. Para esta, selecionamos alguns parâmetros.

O primeiro parâmetro é trabalhar apenas com as músicas tidas como de grande sucesso popular em épocas distintas do século XIX e XX na história da música brasileira.

Como segundo parâmetro está a análise de três segmentos musicais em específico: Funk, Música Popular Brasileira (MPB) e Sertanejo. A escolha destes se deve especificamente ao fato do alcance frente a população brasileira.

Como terceiro parâmetro temos as relações de gênero que são explanadas nas letras das melodias assim como em seus intérpretes. Para tanto separamos melodias interpretados pelos dois gêneros.

[1]Tema já de domínio do senso comum e que portanto, nos absteremos de aprofundar.

Música, quem não gosta? A grande maioria das pessoas gosta de algum tipo de música: clássica, gospel, sertaneja, MPB (Música Popular Brasileira), rock entre outras. A música tem um poder de influenciar os nossos estados de humor nos deixando alegres ou tristes. Deixa-nos animados ou um pouco melancólicos, exerce um poder sobre nosso consciente e inconsciente. A música aviva nossos sentidos, toca nossas emoções e cria lembranças.

A música é uma linguagem universal e única, presente desde as primeiras civilizações, sendo utilizados em rituais religiosos, funerais, homenagens, comemorações entre outros. Com o desenvolvimento das sociedades a música ganhou maiores espaços e foi popularizada.

A canção é importante, pois auxilia o bem estar e as emoções das pessoas. A boa música traz harmonia ao ser humano, faz com que ele tenha bons pensamentos, sentimentos e, portanto aja melhor. A música atinge os órgãos e as emoções do corpo provocando tensões ou relaxamento em várias partes do corpo. O corpo reage às vibrações dos sons, são despertadas emoções que interferem no funcionamento do nosso organismo. A música pode alterar e liberar partes reprimidas inscritas em nosso corpo.

Este artigo pretende discorrer sobre a música, levando em consideração seus aspectos históricos, conceituais e dinâmicos. Bem como sua influência na sociedade e como ela pode ser utilizada de forma à disseminar ideais preconceituosos e desmerecedoras do papel feminino. Estudando os temas musicais da atualidade e sua relação com as questões de gênero.

## 1. A IMPORTANCIA DA MÚSICA

É muito complexo definir exatamente o termo música que até hoje não tem um conceito consensual. O fato é que a palavra música possui origem grega (*mousikē*) que é traduzido como “arte das musas” fazendo uma referência às deusas da mitologia grega, que simbolizavam as nove artes da antiguidade clássica[2]. Os artistas desta época se inspiravam nessas musas antes de iniciar um trabalho artístico.

[2](ORTIZ, 2009).

Na Grécia Clássica o ensino da música era obrigatório, e há indícios de que já havia orquestras naquela época. *Pitágoras de Samos*, filósofo grego da Antiguidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, p. 31, 2003).

Stefani (1987), por sua vez, considerou que a música afeta as emoções, pois as pessoas vivem mergulhadas em um oceano de sons. Em qualquer lugar e qualquer hora respira-se a música, inconscientemente. A música é ouvida porque faz com que as pessoas sintam algo diferente. Ela proporciona sentimentos, tais como alegria, melancolia, violência, calma e assim por diante, são experiências da vida que constituem um fator importantíssimo na formação do caráter do indivíduo.

Ao pensar-se que as pessoas geralmente se identificam com estilos musicais, e, ainda que possam gostar de estilos musicais diferentes, qual é a influência de cada estilo e de cada música específica no eliciamento das emoções. Em outras palavras, será que músicas diferentes despertam emoções diferentes.

A influência musical nas emoções hoje já faz parte do consciente de muitos. É clara, pois a relação entre uma música que nos traz por meio da memória auditiva uma situação. Dessa forma, afirmamos que a escolha da música que vamos escutar é consciente.

Inúmeras pesquisas como a de ONGARO e SILVA (2006), desenvolvidas em vários países confirmam a influência da música no desenvolvimento das crianças. Bebês reagem de maneira diferente quando ouvem diferentes tipos de música. Em seu laboratório na Universidade de Toronto, a psicóloga *Sandra Trehub* comprovou aquilo que a maioria dos pais já desconfiava: bebês tendem a permanecerem mais calmos quando ouvem uma melodia serena. E, dependendo da aceleração do ritmo da canção, ficam mais alertas. As canções de ninar provam isso. A mesma pesquisa ainda sugere que os bebês já nascem com preferências musicais definidas. Eles sorriem quando escutam certos grupos de notas musicais e se irritam com outros.

Apesar do hemisfério direito do cérebro ter sido considerado como o hemisfério musical ainda não se sabe onde está localizada essa preferência musical.

Segundo SACKS (2007) é também comprovado que a música influencia a condução elétrica do corpo e equilíbrio do sistema nervoso, com isso provoca reações e deixa os nervos à flor da pele, “eriçados”. Enquanto há música que produz um equilíbrio na mente e no organismo todo, também há a música que acaba desestruturando totalmente as reações de nosso organismo, alterando os padrões considerados normais. Os sons graves nas fórmulas rítmicas repetitivas, em batidas marcantes, com o volume acima de certo número de decibéis, com a atmosfera sonora criada pelos instrumentos e baterias usados na música popular, afetam diretamente Hipófise; excitam-na e fazem com que seus hormônios influenciem todo o metabolismo do corpo, bem como as glândulas sexuais; enfim, afetam a química corporal por completo, fazendo o organismo se sentir num clima totalmente alterado. A influência da música é tão grande, que ela é capaz de atuar constantemente sobre nós, acelerando ou retardando, regulando ou desregulando as batidas do coração, relaxando ou irritando os nervos, influindo na pressão sanguínea, tudo isso devido ao fato de que ela meche em nossos impulsos cerebrais (ARAUJO, 1998, p. 28).

Araújo (1998) e Sacks (2007) defendem a ideia de que treinamentos musicais com músicas de melodia saudável podem favorecer o desenvolvimento cognitivo, atenção, a memória e até mesmo a agilidade motora. De acordo com os autores, os diferentes ritmos musicais influenciam em nosso corpo porque as diferentes vibrações musicais provocam distintos estímulos cerebrais que desencadeiam reações em todo o organismo. Essas reações podem ser boas em músicas calmas e de melodia suave, porém, perturbadoras em músicas agitadas e de melodia pesada, sendo que todos os tipos de músicas podem afetar diretamente as nossas emoções.

A música pode alterar e liberar partes reprimidas inscritas em nosso corpo. O ser traz consigo as marcas de sua história, em forma de movimento, apreenderam padrões de movimento que nos ditaram o que fazer ou deixar de fazer.

Ao longo da história a música esteve presente e influente nas sociedades. Tão antiga quanto o homem, a Música Primitiva era usada para exteriorização de alegria, prazer, amor, dor, religiosidade e os anseios da alma. Darwin (1869) declarou que a fala humana não antecedeu a música, mas derivou dela. Muitos dizem que há uma música para cada momento, quando estamos com alguns amigos queremos músicas mais animadas, às vezes estamos sós e ouvimos músicas mais suaves, não há um padrão definido, depende daqueles que ouvem.

## 2. O EFEITO DA MÚSICA NO SER HUMANO

Blood*et. et al.* (1999) na Universidade de *McGill*[3] e *Massachusetts* General Hospital[4],desenvolveram uma pesquisa que analisou os efeitos no cérebro de pessoas que ouviam música. Verificou-se que ao ouvir estas músicas, as pessoas acionaram exatamente as mesmas partes do cérebro que têm relação com estados de euforia. Segundo a investigação, isso confere à música uma grande relevância biológica, relacionando-a aos circuitos cerebrais ligados ao prazer. Há também inúmeras experiências na área de saúde, trabalhos em hospitais que utilizam a música como elemento fundamental para o controle da ansiedade dos pacientes.

A origem da pesquisa citada, remonta à 2º Guerra Mundial, quando músicos foram contratados para auxiliar na recuperação de veteranos de guerra por hospitais norte-americanos. Pode-se afirmar que esse foi um grande impulso para a área de musicoterapia, hoje com reconhecimento acadêmico consolidado. É cada vez mais comum a presença da música nestes locais, seja para diminuir a sensação de dor em pacientes depois de uma cirurgia, junto a mulheres em trabalho de parto para estimular as contrações ou na estimulação de pacientes com dano cerebral (*op cit).*

[3](Canadá)
[4](EUA),

A respeito da atuação da música no cérebro, Muskat (2000, sp):

> O cérebro humano tem uma predisposição para reagir à música. Somos essencialmente musicais: no ritmo de andar, nos batimentos cardíacos e na fala que é a música das palavras. A música é importante para o neurodesenvolvimento da criança e de suas funções cognitivas.

E ainda afirmou que “a música tem ajudado na recuperação de doentes e até a diminuir a sensação de dor dos pacientes" (MUSKAT, 2000, sp)

Já Gainza (1988, p.22) ressalta que: “A música e o som, enquanto energia estimula o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no ‘a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau”.

De acordo com Weigel (1988, p. 10) a música é composta basicamente por:

> Som: são as vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as do pêndulo do relógio. As vibrações irregulares são denominadas ruído.
> Ritmo: é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos.
> Melodia: é a sucessão rítmica e bem ordenada dos sons.
> Harmonia: é a combinação simultânea, melódica e harmoniosa dos sons.

De acordo com Gainza (1988, p. 36):

> Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem.

Gewher (2007) realizou uma experiência com leões, expondo diversos estilos musicais mostrou que os graus de irritabilidade e de calma destes animais variam conforme o estilo musical a que são expostos.

“Se admiramos um artista ou uma música isso vai de alguma maneira influenciar nosso comportamento. Isso ocorre com crianças, adolescentes e até mesmo com adultos” (WISNIK,1999, sp).

## 3. A MÚSICA E O COMPORTAMENTO DOS JOVENS

Atualmente existem diversas definições para música. Aqui, vamos nos ater aquela que diz que a música é considerada ciência e arte, na medida em que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações. Houaiss (2012) conceitua a música como "[...] combinação harmoniosa e expressiva de sons e como a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização".

Os jovens ouvem em média 2,5 horas de música por dia. Uma pesquisa da Sociedade Médica de Estudos de Pediatria e Adolescência dos Estados Unidos constatou que uma em cada três músicas populares contêm referências explícitas ao uso de drogas ou álcool. Isso significa que os jovens recebem 35 referências ao abuso de substâncias a cada hora. A preocupação dos especialistas é que muitos jovens têm acesso regular à música. Cerca de 9 em cada 10 adolescentes e jovens têm um MP3 player ou um cd player nos seus quartos. Estudos têm comprovado que mídias estão causando impacto sobre o comportamento dos jovens. Segundo reportagem publicada no site clicrbs/Kzukaem 27 de julho investigadores da Universidade de *PittsburghSchoolof Medicine* conferiram as 279 canções mais populares de 2005, com base em relatórios da revista *Billboard*, que acompanha as músicas mais destacadas. Apenas 9% das canções pop tinham letras relativas a drogas ou álcool. O número saltou para 14% para canções de rock, 20% de R&B e hiphop, 36% para músicas *country* e 77% de músicas de rap. Ao cigarro não são mais comuns atualmente somente 3% das músicas falam sobre isso. Mas14% das músicas citam o uso de maconha, 24% citam o uso do álcool e 12% se referem a outras substâncias. Somente 4% das músicas têm mensagens antidrogas e contra o álcool (WISNIK, 1999).

As drogas estão presentes na rotina da maioria dos cantores e bandas em todo o mundo. Muitos morreram em consequência do excessivo abuso de drogas, como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, e outros. A cantora inglesa Amy Winehouse, ganhadora de cinco Grammy´s.

David (2006) pontua que o elemento mais importante da música é a intenção de quem a produz. Além disso, ela pode ser vista como sons organizados propositalmente, e realizados de diversas formas em cada contexto cultural. Para isso, é necessário se fundamentar nas ferramentas sonoras principais da melodia, harmonia e ritmo.

A música pode enriquecer a vida de muitas formas, mas também pode ser perigosa. “A música pode ser usada para educar, edificar, inspirar e unir”. No entanto, o ritmo, seu volume e sua letra podem entorpecer a sensibilidade. Monson em 1979 já demonstrava preocupação com o tipo de música que era ouvida naquela época: “Vocês não podem dar-se ao luxo de encher a mente com a música degradante de hoje” (MONSON, 1979, sp). E pouco importa se prestamos atenção à letra ou não. Não é de se estranhar que recebamos o conselho de [escolher] cuidadosamente a música que [ouvimos].

Suas escolhas musicais também podem afetar sua capacidade de realizar tarefas ou aprender. Dois pesquisadores exploraram essa relação, estudando os efeitos da música e do ritmo sobre o sistema nervoso de ratos. Durante oito semanas, um grupo de ratos ouviu constantemente valsas de *Strauss*[5], enquanto um segundo grupo ouviu sons desarmoniosos na forma de tambores contínuos. Um terceiro grupo foi deixado em silêncio. Depois de oito semanas, os ratos foram colocados num labirinto para procurar alimento.

> A sociedade sofre uma transformação sutil, mas profunda. Ela se torna cada vez mais permissiva com respeito ao que aceita como entretenimento. Em consequência disso, grande parte da música executada pelos artistas populares de hoje parece destinada mais a provocar tumulto do que a pacificar; mais a acirrar os ânimos do que os acalmar (SANTAELLA, 2004, sp).

## 3. MÍDIA E SUA INFLUÊNCIA NO GOSTO MUSICAL

Até o século XVIII a sociedade era constituída por dois tipos de cultura: A cultura das elites e a cultura popular. Com a ascensão da Era Industrial, tudo o que era produzido em pequenas quantidades, passou a ser produzido em grande escala, ou seja, em massa. Com isso, a cultura das elites e a cultura popular foram difundidas, e é nesse âmbito que surge a cultura de massa.

Com o surgimento da mídia, a cultura de massa tende a se expandir ainda mais. Alguns estudiosos passam a chamar a cultura de massa veiculada

[5]uma música altamente organizada e ordenada.

pela mídia de cultura midiática ou cultura dos meios de comunicação de massa.

> Num âmbito mais amplo e necessariamente genérico, cultura midiática é a cultura do mercado pensada e produzida para ser transmitida e consumida segundo a gramática, a lógica própria, a estética e a forma de incidência e recepção peculiares ao sistema midiático-cultural (MOREIRA, 2003, p.1208).

A música que é veiculada pela mídia, não tem o intuito de explorar a qualidade e técnica, mas somente esses estados que a música é capaz de evocar. Através do óbvio, ela impõe esses efeitos. Com isso, reduz-se a um mero produto industrial, pronto para ser consumido, sem nenhuma intenção de arte (ECO, 1993).

A música de consumo utiliza fórmulas para realçar esses efeitos como, o uso de refrãos:

> Elemento básico da canção popular massiva, pode ser definido como um modelo melódico ou rítmico de fácil assimilação que tem como objetivos principais sua memorização por parte o ouvinte e a participação ("cantar junto") do receptor no ato de audição, sendo repetido várias vezes ao longo da canção (JANOTTI, 2006, p.3).

Além disso, na sua maioria, a música veiculada pela mídia apresenta ao ouvinte não só um conjunto de sons, mas também um intérprete considerado ídolo, e um cenário e figurino que possam auxiliar o ouvinte e telespectador a definir o gênero musical apresentado. Ou seja, o sucesso de uma composição não depende somente de fatores essencialmente musicais, mas também da exploração de outras expressões (*ibid*, p.9), é possível afirmar que a mídia exerce grande influência no gosto musical pelo fato da música veiculada pelos meios de comunicação de massa vender esses efeitos, de maneira muito mais fácil de ser entendida. Além disso, a mídia aproveita para bombardear promessas de aceitação e felicidade. Diante desse quadro, é aceitável afirmar que a mídia, juntamente com outros fatores, influencia o gosto musical popular (JANOTTI, 2006, p.7).

Trata-se naturalmente do astro, que surge dotado de propriedades carismáticas e cujos comportamentos de vida, tornando-se modelo de ação para as massas, influenciando profundamente o senso dos valores e as decisões éticas da multidão que com eles se identifica (ECO, 1993, p.356). Moreira (2003) considerou que: "Não é possível prever e controlar totalmente o processo de recepção, leitura e reação por parte do público" (p.1210).

Segundo Garcia (2002):

> Até a bem pouco tempo, costumava-se situar tipos diferentes de música para determinadas faixas de idade e, mesmo diferentes classes sociais. Hoje, dada à produção midiática massiva isso parece ultrapassado e é evidente que há uma socialização e homogeneização do padrão de “gosto musical” (p.10).

O gosto musical da pessoa influencia as suas roupas e mentalidade. A música como tudo em nosso ambiente, nos influencia. A música afeta o caráter e a sociedade, pois cada pessoa é capaz de trazer para dentro de si a harmonia que acaba influenciando nos pensamentos, nas emoções, na saúde, nos movimentos do corpo, enfim, em todo o bem estar do ser humano. A pesquisa aponta que as composições devem ser trabalhadas de forma a contribuir construtivamente para as relações, bem como observar o lado moral. E, particularmente nos tempos atuais, deve ser vista como uma das mais importantes formas de comunicação nunca uma geração viveu tão intensamente a música como as atuais (JANOTTI, 2006, p.7).

É preciso também que trabalhe as suas competências sociais, emocionais, cognitivas e de comunicação para expressar sua formar de pensar, os sentimentos e emoções, para desenvolver a capacidade de negociação e de resolução de conflitos para melhorar sua sociabilidade e tolerância para com a sociedade.

A música influência mais os jovens, pois estão na fase de desenvolver sua personalidade. Uma pesquisa revelou que 8 em cada 10 europeus ouve música no seu local de trabalho e que 44% destes dizem que esta é uma fonte de inspiração. Além disso, 24% dos entrevistados que afirmaram ouvir música no trabalho acreditam que isto contribui no aumento da produtividade (JANOTTI, 2006, p. 17).

O intenso prazer que se sente ao escutar música provoca no cérebro a liberação de dopamina, um neurotransmissor que serve para avaliar ou recompensar prazeres específicos associados à alimentação, drogas ou dinheiro A dopamina é uma substância química da molécula do "sistema de recompensa", que serve para reforçar alguns comportamentos essenciais à sobrevivência (alimentação), ou que desempenha um papel na motivação (recompensa secundária através do dinheiro) (LENO, 2002).

Araújo (1998) e Sacks (2007) discutem sobre a influência da música, o primeiro autor discorre que o ritmo das vibrações presentes nas músicas afeta de forma direta todas as reações de nosso organismo, gera estímulos no cérebro que são enviados ao restante do corpo sendo capazes de provocar os mais variados sintomas, às vezes bons, às vezes ruins.

As canções com textos violentos aumentam os pensamentos e sentimentos agressivos e as de tom mais humorístico aumentam a hostilidade, ele conclui isso de acordo com diversos estudos publicados por profissionais da área que reuniu ao escrever sua obra. Ele segue falando de um teste onde alunos escutaram as canções e depois se submeteram a várias provas psicológicas para medir os pensamentos e sentimentos agressivos.

Uma das tarefas exigia que os participantes classificassem palavras que têm simultaneamente significados agressivos e não agressivos, como pedra e pau. Esses estudos comprovaram que as canções violentas levaram a interpretações mais agressivas das palavras de duplo sentido e aumentaram a velocidade relativa com a qual as pessoas leem palavras agressivas.

Ele chega a dizer que "[...] a música penetra na mente humana através daquela porção do cérebro que não depende da vontade, invadindo o centro cerebral automaticamente, quer a pessoa queira ou não" (ARAUJO, 1998, p. 16). Embora alguns possam dizer que a música signifique coisas diferentes para pessoas diferentes e que a sua influência é apenas uma questão de resposta condicionada para o autor o ritmo da música é o fator básico para determinar o efeito emocional produzido.

A música pode atuar sobre o ritmo cardíaco, a pressão sanguínea, a respiração cardíaca e inclusive sobre as glândulas endócrinas, liberando adrenalina e outros hormônios. O ritmo interrupto, padronizado, que permeia a música rock e pop em geral confunde o corpo e enfraquece os músculos. Entre centenas de pessoas testadas, 90% registraram uma perda quase instantânea de 2/3 da força muscular ouvindo este ritmo. Também é de se notar que o sentido da audição é o que maior efeito tem sobre o sistema nervoso autônomo, e, por conseguinte, faz que a variação do limiar sensorial provoque o aumento de até 25% na percepção das cores, o que explica o psicodelismo jovem associado à música pop (ARAUJO, 1998, p. 20).

## 3. ASPECTOS PSICOLOGICOS

A psicanálise lida com os afetos, enquanto a musica nos enleva e desperta em nos profundas emoções e se comunica com o reservatório infinito do nosso inconsciente não reprimido, anteriores palavras que já são limitadas para poder exprimi-lo.

Freud (1915):

> Posso dizer de saída que não sou um conhecedor de arte, mas simplesmente um leigo. Tenho observado que o assunto obras de arte tem para mim uma atração mais forte que suas qualidades formais e técnicas, embora para o artista o valer delas esteja, antes de tudo nestas. Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte. Confesso isto a fim de me assegurar da indulgência do leitor para a tentativa que aqui me propus. Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeitos, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreende-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deu seu efeito. Onde não consigo fazer isso, como por exemplo, com a música sou quase incapaz de obter qualquer prazer. Um inclinação mental em mim, racionalista ou talvez analítica, revolta-se contra o fato de comover-me com uma coisa sem saber porque sou assim afetado e o que é que me afeta.

Ele assim reconhece o poder que a música exerce sobre os indivíduos. O vinculo entre o psiquismo e a música pode chegar a ser concebido de um modo direto ou imediato dentro de uma singularidade.

A voz como objeto em Lacan (1999) “não é a voz humana, não é uma voz sonora, áfona o que não quer dizer que não tenha nada a ver com o mundo sonoro”. “A voz ressoa no silêncio do Outro e não no espaço”. Nesse aspecto o silencio está para a música assim como o espaço está para a pintura. A música não é a voz, porém vem no seu lugar. Quando cantamos temos a ilusão de sermos ouvidos pelo Outro, a música é um espelho representativo de um povo ou parte da sociedade.

A música e a psicanálise se comunicam, pois ambas são o receptáculo daquele lugar de opacidade intransponível que é o imaginário (METZ, 1980). Proust (1913) fala que é: “a criação musica como um processo de autorrealização envolvendo inconsciente, desejo e modos de relação com a pulsão”.

A música traz em sai uma tendência dominante, que envolve os processos psíquicos e psicológicos, como uma estética de subjetivação,

possibilita autorrealização e ao mesmo tempo burla a lacuna psicológica de não (se) ser plenamente presente em si mesmo.

Somos produzidos pelas linguagens que produzimos e nelas a psicanálise nos revela múltiplas divergências. O inconsciente encontra sempre uma forma de se manifestar, tudo é significante, revela o autor, revela o interprete que dá voz a canção, revela o receptor que se expressa por ela.

Lacan (1999) afirma que o imaginário é oposto ao simbólico, mas em permanente imbricação com este, e se é certo que a psicanálise se relaciona com o desejo, com o imaginário e o simbólico, também é certo que o exercício da musica envolve essa relação, haja vista ser um processo que utiliza mecanismos que envolvem o inconsciente.

Com base no entendimento de que a psicanálise é a arte de decifrar uma verdade e consciente de que a musica é em alguma dimensão a guardiã do inconsciente. O que torna essa aproximação, uma reflexão necessária o que favorecer a constituição de uma dialética da alteridade pro meio da inscrição da pulsão no campo da cultura, além do que, no processo de criação, no trabalho de construção-escuta-interpretação.

Música e psicanálise são produtoras de rupturas e descontinuidades na construção da subjetividade que tendem a uma política do desejo, como produtos culturais compartilham um espírito de época. Numa ligação e simbolização.

## 4. AS MÚSICAS E A SUA INTEPRETAÇÃO

No ranking das músicas mais tocadas atualmente os temas mais recorrentes são: mulher, sexo, álcool e dinheiro[6]. Das músicas estudadas destacamos os gêneros que mais fazem alusão a estas ideias: em primeiro lugar o funk, seguidos de perto e tendo versões regravadas para o sertanejo e o axé.

Ao ouvir um som é necessário significá-lo. O que temos observado é que essa significação vem sendo dada por meio do ritmo e não da própria letra da

[6]carro, dinheiro propriamente dito ou alusão à prosperidade.

melodia. Somente assim é minimamente aceitável o retrocesso musical brasileiro.

Esse retrocesso vem da aceitação da sociedade frente a um mecanismo de depreciação do ser humano. A inversão dos valores ter e ser e a banalização do outro. Um outro que passa a ser conscientemente um excluído da sociedade.

Uma sociedade que exclui não um, mas a todos. Um inconsciente coletivo que exclui até mesmo a si próprio quando se reúne o arqueduto musical existente.

Na musicalidade dos grandes hits de sucesso no Brasil são excluídas classes inteiras como a mulher que é banalizada, sexualizada e alcoolizada. E essa discriminação de gênero de alguma forma vem sendo aceita pelo próprio sexo feminino.

A questão mais chocante é a aceitação da mulher frente a expressões musicais que demonstrar que com álcool será mais fácil seduzi-la, ou mesmo que o dinheiro pode comprá-la.

### 4.1. Sexualidade na Música

A sexualidade se apresenta de forma explicita ou no duplo sentido. Mas hoje é difícil uma música que não faça menção ao sexo, descomprometido e casual. E algo tão banal como tomar um refrigerante, só que o refrigerante engorda, e na música não acontece nada. Não tem a menor importância. Agora é tudo uma questão de: “Ai se eu te pego”, “Chê, tchê, rere”, “É nóis faze parapapá”, “Eu vou pegar você e tãe”, “Tam Tam” e por aí vai...

As músicas colocam a mulher numa situação de objeto sexual, que se vestem para agradar o homem com o objetivo de “dar”, termo vulgar para o sexo descomprometido, como na música abaixo citada:

> Toda produzida, jeitinho de santinha. Ela saiu de casa doida pra perder a linha. Me chama pra dançar, eu não tô aguentando. Ela tá provocando o Munhoz e o Mariano. Sabe se vestir de um jeito que o homem gosta. Vestido apertadinho da pantera cor de rosa Pra quê? Pa dá, pa dá, pa dá, pa dá (Pantera Cor de Rosa, Munhoz e Mariano, 2013).

A banalização não para por aí continua até níveis absurdos com a total falta de escrúpulos e respeito: "Vai no banheiro pra gente se encontrar, vem lá

no escurinho", "Vai, vai, vai no cavalinho", "A cobra vai subir", “Alacazam alacazam, pode vim você e a sua irmã. Piriri piriri pim “, “ Eu tô pegando a sua irmã e pã”.

A questão da pedofilia também é disseminada de forma sorrateira: "bela linda criatura bonita, nem menina nem mulher" para "Ela é novinha e tá me provocando" (Novinha tá querendo o que?, Mc. Metal e Mc. Cego; Forró Pegado, 2013); (Assim você me mata, Mc. Rodolfinho, 2013); (Vem novinha, Henrique e Juliano, 2014); Novinha, Mc. Martinho, 2014); (Que isso Novinha? , Mc. Saed, Thiago Brava, 2014); (Novinha vem que tem, Mc. Lon, 2013); (Novinha Terrível, Mc. Pikeno e Menor, 2011) e essa é a nova moda, pegar a novinha, aquela que não é mulher e nem criança.

Isso é uma prática abusiva, cantada, interpretada e aceita pela sociedade como um comportamento normal. Afinal é tudo muito divertido, só resta saber pra quem?

### 4.2. A Bebida na Música

A questão da bebida é outra associação frequente. Sempre ligada a felicidade e satisfação. Quase todas as músicas sertanejas e de funk fazem alusão à bebida e sexo. “Levanta o Copo”, “Beber, beber”, “Zuar e beber”, “Beber, cair e levantar”, “Copo na Mão”, “Cerveja” “Garota Safada sou fiel a cerveja”, “A gatinha e a cerveja”, “Arrocha com Tequila” entre outros.

A bebida é sempre uma constante nas músicas, sempre ligada a alegria, prazer e descontração. Algo culturalmente aceito e apoiado.

Na música "Taca cachaça que ela libera, se você tá com medo de pedir um beijo pra ela" (Taca Cachaça, Mc. Ed. Lemond, Vitor e Vanuti, 2012). A bebida fica associado ainda a uma situação ainda mais libertina, como um instrumento facilitador da relação sexual. E essa mensagem que é transmitida e altamente perigosa, induzir alguém, principalmente menor ao vicio a fim de conseguir vantagem sexual. Não é uma questão de censura, mas a preocupação se dá em como essas mensagens tem sido encaradas pela sociedade como uma coisa sem grande relevância. Sendo que são apologéticas a práticas muito negativas e desrespeitosas.

### 4.3. Discriminação de gênero e violência

Uma música que fez muito sucesso em épocas passadas foi "Loira burra, nada na cabeça, personalidade fraca, tem que a sensibilidade e a sensualidade de uma vaca (Lôraburra, Gabriel O Pensador, 2008). Atualmente temos outros hits tão degradantes como este. Como na música "Me dá a patinha" do grupo baiano Black Style: "Ela é uma cadela/Joga a patinha pra cima/Me dá, sua cachorrinha". Outra música do mesmo grupo diz que "mulher é igual a lata, um chuta e outro cata".

Na música interpretada por Thaeme e Thiago (2013) "Foi daquele jeito" a violência fica explicita: "Vishe, bem feito! Foi tapa na bunda, na cara, puxão de cabelo. Na cama, no chão e no banheiro. Foi daquele jeito!" A Banda Calypso regravou o sucesso na voz de Leonardo "Entre Tapas e Beijos": "Perguntaram pra mim. Se ainda gosto dela. Respondi tenho ódio. E morro de amor por ela. Hoje estamos juntinhos. Amanhã nem te vejo. Separando e voltando. A gente segue andando. Entre tapas e beijos."

O Mc. Davi Fca canta a música "Sua filha é a mó danada" que também faz apologia à violência:

> (...) Isso é problema meu. Só estou dizendo que eu fiz o mesmo, com a tua filha na minha casa. Foi mó da hora ela pediu pra eu dar uns tapas. Se pá rolou mano até tapa na cara. Eu tô arranhado, que ela pediu pra eu dar tapa na cara. Desculpa ai senhor tua filha é mó danada, (éé). É so tapa na cara.

Outra pérola é a música "Fui dando porrada" de Hugo e Gabriel (2012):

> Por isso não desligue o telefone. Me dê mais uma chance de explicar. Te vendo conversar com outro homem. Senti tanta vontade de brigar. Fui dando porrada. Quebrando tudo. Te rebaixando, ele defendendo, povo gritando. Mas eu fiz tudo, foi por amor.

Um comportamento típico dos machões que agridem e matam por "amor", isso não é amor, isso é sentimento de posse. E um total desrespeito com o outro. E que é musicalizado e cantado por muitas pessoas que se identificam com o conteúdo dessa composição, bebendo dessa fonte e reafirmando a violência e o preconceito contra as mulheres.

Ainda nesse quesito percebe-se uma desvalorização da mulher sempre associando sua imagem a um objeto e colocando as mulheres como interesseiras, dependentes dos homens e que só querem dinheiro, como se

todas fossem subservientes e tivessem que receber alguma paga, reduzindo as mulheres a um papel promíscuo e humilhante. “Mulher só quer saber de dinheiro” (Mulher e dinheiro, Rapper Katal, 2012). Nas músicas do Mc. Catra “Luxúria e Poder” (2011): “Luxuria e poder dinheiro e mulher. É disso que o bonde gosta. É isso que o bonde quer”. Outra do mesmo autor “Me chama de chefe” :

> Eu gosto quando ela me chama de chefe ou então me chama de patrão. Mas a outra se sente segura comigo. Porque sabe que eu tenho disposição. Sou sujeito homem, meu papo é um tipo. Em troca eu tenho muita munição...Olha só como ta as novinha, olha só como ta as cachorra. Elas só te dar mole hoje sem dia, se tu tiver portando alguma coisa. Garrafa de whisk absolut, e vários baldes de redbull. As novinha já chega pra perto, de mim balançando o bumbum, eu falei deixa as novinha chegar pra perto do pé de pano, porque eu quero que as novinha, novinha, vai...

Infelizmente essas são apenas uma mostra da grande quantidade de composições que nos “brindam” com frases e mensagens degradantes sobre as mulheres. A mulher trabalha e de acordo com os últimos censos realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010, 2011, 2012 e 2013) são elas que sustentam as suas famílias. Essa falta de respeito com as mulheres não pode ser tolerada e aceita pela sociedade.

## 5. A QUESTÃO DE GÊNERO

A questão de gênero é complexa e possui diversos aspectos, no entanto para o presente estudo nos deteremos à proposta do artigo, na discussão da música e do aspecto subjetivo do discurso propagado nas canções sobre a mulher. Culturalmente a mulher foi educada para o papel passivo e tende a funcionar como vítima e o homem, educado para a ação e para ser o guerreiro e o caçador, tem maior atração para o vilão.

Na recente aceleração da evolução feminina, a mulher tem descoberto o seu poder de ação, especialmente para a sua sobrevivência e autorrealização material e profissional.

Contudo, as mulheres evoluíram pouco no papel de parceira e, por não conseguem resolver os conflitos de poder que surgem, se submetem, convivendo com a situação de desigualdade de poder e aceitando a hostilidade do seu companheiro.

Como vítima, a mulher contribui para perpetuar o processo da hostilidade. E é a maior perpetuadora do machismo, quando aceita passivamente o desrespeito e a desvalorização da sua imagem, ou quando aceita ser objetalizada pelo Outro.

Existe uma grande preocupação, como hoje a musica tem sido utilizada para propagar ideias de sexualização, desvalorização da imagem da mulher como apenas um objeto de desejo, para ser usada e descartada como uma latinha de cerveja. A mulher na música é apenas um objeto de prazer e satisfação, quantificada e ridicularizada. O que contribui para massificar ideais preconceituosas e desrespeitosas, desconstruindo a imagem da mulher e favorecendo a violência física e sexual.

A violência sexual é fenômeno universal que atinge mulheres de todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas. Ocorre em populações de diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social, em espaços públicos e privados, e em qualquer etapa da vida da mulher (SAFFIOTI e ALMEIDA, 1995, p.218).

As exatas incidências e prevalência da violência sexual são desconhecidas devido ao problema de subnotificação. Calcula-se que apenas 16% dos estupros são comunicados às autoridades competentes. Em casos de incesto, estes percentuais não atingem os 5% (NVCCVRTC, 1992, p.287). Acredita-se que a maior parte das mulheres não registre queixa por constrangimento e humilhação, ou por medo da reação do parceiro, familiares, amigos, vizinhos e autoridades. Também é comum que o agressor ameace a mulher, caso revele-se o ocorrido (DREZETT *et al*, 1998,p.29). No entanto, a mulher teme, principalmente, não ser acreditada. Esse sentimento, aparentemente infundado, de fato se justifica. São incontáveis os relatos de discriminação, preconceito, humilhação e abuso de poder em relação às mulheres em situação de violência sexual (CREMESP, 2002, p.71).

Além disso, a violência sexual frequentemente é associada a outras formas de violência contra a mulher, principalmente quando o agressor é um parceiro íntimo. No Japão, cerca de 75% das mulheres referem terem sido submetidas, em algum momento de suas vidas, a alguma forma de violência física, psicológica ou sexual por parte de seu companheiro (YOSHIHAMA e SORENSON, 1994, p.63).

Nas circunstâncias da violência sexual o fenômeno se repete e acumulam-se evidências de que o agressor sexual, na maioria dos casos, é alguém conhecido e próximo da mulher. Contudo, significativo percentual de casos é praticado por agressores desconhecidos. Diferentemente da dinâmica da violência doméstica, a abordagem da mulher adulta ou da adolescente comumente se faz no percurso do trabalho ou da escola, ou no exercício de atividades cotidianas em sua comunidade. Apesar de o agressor interceptá-las em espaços públicos, a violência sexual é praticada em locais isolados e distantes da possibilidade de testemunho de qualquer pessoa (DREZETT *et al,* 2001, p.413).

Hoje 1/3 das mulheres em todo o mundo sofrem de violência física ou sexual; a violência sexual é o tipo mais comum das violências contra a mulher e afeta 30% das mulheres em todo o mundo; e 38% das mulheres assassinadas no mundo foram mortas por seus parceiros íntimos. Considera a violência contra a mulher, portanto, uma epidemia global (OSM, 2002).

As raízes desta violência estão na discriminação ainda persistente contra as mulheres. Esta discriminação é um dos resultados de como normas e padrões de gênero se constituem sócio historicamente e engendram desigualdades nas relações de poder entre homens e mulheres. Cria-se, hierarquicamente, o lugar do homem e o lugar da mulher, um binarismo perverso que constitui desigualdades, iniquidades e aprisiona subjetividades. Na sua origem, a violência contra as mulheres decorre do modo como produzimos estas relações de gênero e de como as reforçamos em nossos discursos, musicas, piadas e brincadeiras, para os quais devemos estar atentos, afinal, tornamo-nos cúmplices desta violência quando assim fazemos.

Mello (2007) afirmou que é um tempo de medo, medo da mulher à violência do homem. Um medo que está arraigado em nossas experiências, às vezes de modo quase imperceptível porque já "naturalizado" pela condição social imposta às mulheres. O medo que nos acostumou ao medo de sairmos sozinhas à noite em nossa cidade, por exemplo. Não é aquele medo de sermos assaltadas, mas um medo maior, o de sermos violentadas. Um medo que muitas mulheres também sentem em suas próprias casas: o medo da violência de seus próprios parceiros. Medo na rua, medo no lar. Um medo tão intenso,

naturalizado, arraigado, que pensamos tantas vezes que a culpa é nossa, e silenciamos, fingimos não ter medo.

A violência psicológica pode ser definida como sendo um processo que tem como objetivo determinar ou manter o domínio sobre a parceira, e é uma violência que segue um roteiro: ela se repete e se reforça com o tempo (SOARES, 1999).

Saffioti e Almeida (2005) discutem que começa com o controle sistemático do outro, depois vêm o ciúme e o assédio e, por fim, as humilhações e a abjeção. Tudo para um se engrandecer rebaixando o outro. Tanto a violência psicológica, como a violência física, produzem muitas consequências em suas vítimas, tanto no aspecto psíquico como também no físico e, dessa forma, a mulher vitimizada: Mesmo quando os golpes não são realmente desferidos, a mulher vive o sofrimento através de seu corpo.

Ela tem dores de cabeça, de barriga, musculares etc., como se tivesse incorporado a mensagem de ódio em si. Todos os estudos constatam que as mulheres que sofrem violência, seja física ou psicológica, têm o estado de saúde nitidamente pior que as demais, e consomem mais medicamentos, sobretudo psicotrópicos, o que nos faz ver claramente sua ligação com a violência psicológica (*op cit,* 2005).

A violência praticada contra a mulher possui aspectos históricos determinados pela cultura machista que considera a mulher como uma propriedade do homem, e que ocorre até nos dias de hoje, mesmo diante de muitos avanços com relação a direitos das mulheres, produzindo inúmeros danos em suas vítimas, consoante abordado. Para melhor compreendê-la, fundamental a compreensão de definições como a relativa a gênero feminino e masculino (*op cit,* 2005).

Concretizar a igualdade de gêneros se constitui em um direito humano que é a base de outros direitos humanos. A igualdade possui um grande valor histórico e está classificada como direito humano de segunda geração, sendo uma grande conquista pós-iluminista. Da mesma forma, concretizando esta igualdade e protegendo a mulher da violência doméstica é efetivar os direitos humanos de terceira geração (*op cit,* 2005).

Arendt (1994) traz a devida observação sobre as discussões a respeito do fenômeno da violência e do poder. Então vamos perceber que existe um

consenso entre os teóricos da política, tanto da esquerda como da direita, no sentido de que a violência é tão somente a mais flagrante manifestação de poder.

A violência contra mulher foi reconhecida como obstáculo ao desenvolvimento, à paz e aos ideais de igualdade entre os seres humanos. Assim, a violência que vitima a mulher passou a ser uma violação aos direitos humanos, que é fundamentada, principalmente, no fato de a pessoa pertencer ao sexo feminino (CAVALCANTI, 2007).

Skinner (1938) supõe que existam dois tipos de comportamentos: (1) comportamento respondente que é regulado pelo sistema nervoso autônomo e têm caráter involuntário sendo estes eliciados pelos estímulos; (2) Comportamento operante que é guiado pelo sistema nervoso central, tendo caráter voluntário e modifica o ambiente em que as pessoas se comportam.

Cunha (1998) faz a distinção do comportamento Respondente e Comportamento Operante, sendo que o primeiro geralmente é involuntário e reúne a ação de componentes físicos corporais (Ex: salivação e batimentos cardíacos) e o operante, que é voluntário e engloba a ação de músculos que são controlados espontaneamente pelo indivíduo. A autora explica que estes dois tipos de comportamentos são controlados por estímulos presentes no ambiente em que o indivíduo está inserido, mas que as relações entre tais estímulos são diferentes para cada tipo de comportamento. No caso do comportamento respondente, a relação se estabelece de forma que os estímulos que ocorrem antecedentes controlam o comportamento em questão. A autora explica que o comportamento operante é controlado por eventos que ocorrem após a sua apresentação, que acabam por se caracterizar não a causa de tal comportamento, mas seu mantenedor.

O comportamento operante se constitui de duas classes de consequência, que são o reforço e a punição. De acordo com Cunha (1998) o reforço é a consequência imediata que segue um comportamento e causa o aumento de sua frequência ou a probabilidade de uma nova ocorrência. O Reforço Positivo é um evento positivo ou favorável que, ao ocorrer logo após o comportamento, acaba por aumentar sua frequência. O Reforço Negativo é o estímulo que possibilita eliciar comportamentos que evitem ou acabem com eventos aversivos.

Segundo Bahls e Navolar (2004, p. 6) as situações aversivas também produzem determinados comportamentos, e um deles é a punição. Situações ditas aversivas também produzem determinados tipos de comportamentos. A punição, por exemplo, é uma delas: a punição caracteriza-se pela retirada de um estímulo reforçador diante de determinada resposta ou pela apresentação de um estímulo aversivo. De acordo com Skinner (1938) a punição somente produz diminuição de um dado comportamento temporariamente e nas situações em que o agente punitivo estiver presente. Assim a punição não é eficiente para a remoção de um comportamento, podendo gerar outros comportamentos indesejados tais como a agressividade. A utilização do reforço positivo é mais adequada quando se quer promover uma mudança prolongada e eficaz do repertório comportamental do indivíduo.

Bahls e Navolar (2004) relatam que no condicionamento operante pode ser utilizado um procedimento conhecido como “modelagem” que consiste na forma progressiva com que o repertório comportamental de um organismo vai sendo modificado através de reforçamentos sistemáticos de comportamentos que se assemelham ao comportamento final ao qual se quer atingir.

Então podemos concluir que hoje por meio da música o comportamento negativo, machista e que objetaliza a mulher tem sido reforçado. Prejudicando a maneira como a mulher constrói a sua imagem e como os Outros também a percebem. E que a mesma música pode ser utilizada de outra forma, com letras positivas, que valorizam e constroem uma ideia mais real sobre a mulher.

## 6. METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido com o intuito de analisar a influência da música na vida dos indivíduos e averiguar quais benefícios e malefícios elas causam no sujeito. Para atingir tal intuito, optou-se pela pesquisa de campo que, segundo a Marconi e Lakatos (2010), está relacionada à observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem no real, à coleta de dados referentes aos mesmos, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, com o objetivo de compreender o problema que está sendo pesquisado.

Dentro da análise do comportamento a pesquisa teórica foi embasada principalmente em Skinner (1938) enquanto o foco psicanalítico foi baseado, de forma mais abundante, em Freud (1915) e outros autores que são comumente citados no estudo da história da música.

O método *survey* foi identificado como sendo o mais adequado para a pesquisa. Neste método, escolhe-se uma parte da população, acerca do problema em questão, para ser estudada. Se forem recolhidas informações de toda a população obtém-se um censo, o que não é o objetivo deste trabalho. Os indivíduos são entrevistados diretamente, a fim de se obter resultados que são projetados para a totalidade. Segundo Gil, entre as vantagens deste método estão: a rapidez, a economia e a quantificação. "À medida que as próprias pessoas informam acerca de seu comportamento, crenças e opiniões, a investigação torna-se mais livre de interpretações calcadas no subjetivismo dos pesquisadores" (1999, p.71). Portanto, o método *survey* é o mais coeso com os objetivos do trabalho BABBIE (1999, 519 p.). As entrevistas realizadas por meio de um questionário que teve como propósito verificar de que maneira a música exercem influência na questão de gênero e como as pessoas são ou não afetas pelas letras das músicas.

A partir do método *survey*, foram realizadas vinte e sete entrevistas com jovens entre dezoito e vinte e cinco anos de idade que cursam o ensino superior, sendo realizadas com homens e mulheres sem distinção de gênero, levando em conta somente as respostas às questões analisadas, conforme os dados analisados a seguir.

## 7. ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa realizada continha o seguinte enunciado: Você acredita que a música influencia na banalização da mulher? Dê um exemplo:

Foram realizadas 27 (vinte e sete) entrevistas com jovens entre dezoito e vinte e cinco anos de idade que cursam o ensino superior, sendo realizadas com homens e mulheres sem distinção de gênero:

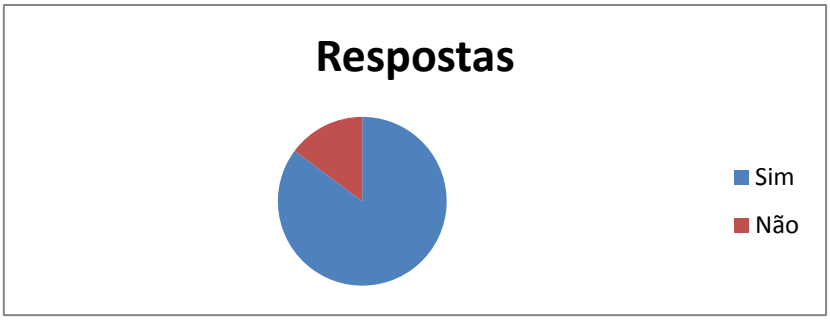


*Gráfico 1 - Respostas objetivas a pergunta do artigo.*

A partir dessa premissa notamos que a grande maioria dos entrevistados acredita que a música interfere na banalização da mulher. Sobre o quesito observamos que 85% (oitenta e cinco) das pessoas afirmaram que a musica influencia na banalização da mulher. Contra 15% (quinze) que acreditam que a musica não exerce qualquer influencia sobre os indivíduos.

Diante disso, analisaremos as principais respostas obtidas na pergunta aberta, em que os entrevistados tinham liberdade de expressar suas opiniões sobre o questionamento feito, tentando correlacioná-las com as letras das músicas apontadas por eles, bem como o gênero musical que mais evidencia a degradação da mulher.

Destacamos as respostas mais relevantes obtidas sem, contudo evidenciar os entrevistados para fins do relato que se segue abaixo, adota-se "E" para o entrevistado e o número para a ordem de respostas obtidas:

*E1: "Sim, eu acho quase todas as músicas de funk banalizam as mulheres, e as colocam como um simples objeto do prazer masculino".*

*E2: "Sim, eu acho que o funk banaliza as mulheres"*

*E3: "O funk".*

*E4: "Sim, eu acho que quase todas as músicas hoje banalizam as mulheres".*

*E5: "Sim, eu acho que o funk banalizam as mulheres, e as colocam como um simples objeto do prazer masculino".*

*E6: "Algumas letras de músicas agridem as mulheres...chamam de cachorras, de safadas e vagabundas...isto é muito forte e o pior é que elas dançam, percebendo o contexto mas não dando importância a letra..."*

*E7: "Sim. No sábado fui a uma boate e presenciei algumas adolescentes dançando e fiquei até constrangida e os rapazes filmando e colocando na net... Falava: __Olha como essa puta dança...aff. Mas ao mesmo tempo é relativo, depende da cultura que foi vivenciada pelo indivíduo."*

*E8: "Sim. Porque direta ou indiretamente a música faz parte de nossa vida, então se eu canto uma música é porque gosto da música e logo me revelo nela".*

*E9: "Sim. Hoje as músicas banalizam as mulheres, por exemplos letras de sertanejos universitários, raps e principalmente o funk passam a falar da mulher fácil, vulgar e tratam as mulheres como um objeto sexual".*

*E10: "Sim. Lepo, lepo".*

*E11: "Sim, na maioria das músicas do estilo funk a mulher deve "rebolar" ou mesmo é chamada de "biscate" ou "vagabunda", o que, pelo menos eu acho que é uma falta de respeito e exemplo de banalidade colocando a mulher como um simples objeto sexual, e não como mulher".*

*E12: "Eu acredito que sim, as letras estão bastante pesadas... Os compositores falam que fazem pra brincar, tratam como objeto, mas acredito que a banalização mesmo vem mais da resposta da sociedade do que da própria música. A maioria ou até mesmo todos os funks mostram isso. E algumas músicas sertanejas também".*

*E13: "Acredito que sim. Como por exemplo, quando uma música ofende, chamando as mulheres de cachorras e mesmo assim algumas danças e sorriem ouvindo aquela música".*

*E14: "Tipo, tem música que sim. Acho que o funk é uma delas".*

*E15: "Sim, claro. Não todas as MÚSICAS, mas essas porcarias que chamam de música principalmente na atualidade, que falam da mulher como objeto, passando uma imagem ruim como se a mulher fosse apenas um pedaço de carne, com exceção de algumas também que por incrível que pareça gostam e se comportam de tal maneira".*

*E16: "Sim, atualmente todos ou quase todos os gêneros de música tendem a banalizar o sexo feminino com letras de depravação, e a mulher por sua vez ou por ser influenciada pela mídia, dança e cantam essas músicas com naturalidade, esse tipo de atitude ajuda a alienação da sociedade provocando assim mais composições de músicas sem letras apenas com insultos como funk, MC Catra, alguns forrós e demais gêneros da música brasileira e de outras nações".*

*E17: "Existem certos tipos de ritmos que, para pessoas que não os conhecem, colocam como algo ofensivo as mulheres. Acredito que, se essas músicas ofensivas existem é porque também existem mulheres que as incentivam. Em minha opinião, existe sim como funks, sertanejos. Muitas das músicas desses gêneros colocam a mulher como objetos e fazem comparações sem base com a vida real".*

*E18: "Ué, claro que sim, é só você tirar por base o funk, os vídeos das mulheres rebolando como se fossem em cima de... As roupas que elas usam, elas sendo usadas pra atrair o público, etc."*

*E19: "Não. As músicas brasileiras assim com as latino-americanas no geral, possuem um alto nível de sensualidade em suas letras e utilizam a figura feminina como objeto dessa sensualização. A banalização da mulher está ligada diretamente ao pensamento machista também inerente à cultura brasileira que difunde que as dançarinas tem o propósito único de mostrar o corpo e não de expor seu trabalho de dança. Tanto que a banalização não*

*ocorre com dançarinos que dançam com roupas tão ou mais provocantes que as mulheres (muitas vezes desnudos, sem camisa)".*

*E20: "Sim, cantores de Funk e a maioria dos sertanejos."*

*E21: "Não é que influência... Mas degrada um pouco, a índole da mulher digo isso em relação ao funk pelas letras extremamente abusivas e pesadas levada pro lado do erotismo. Vendo por esse lado influência sim..."*

E22: "Sim, acredito. Por exemplo, e principalmente o ritmo de funk. Só as cachorras, um tapinha não dói, entre outras. Pesquisa polêmica essa! Na verdade é mais complexo, pois a mulher também se deixa banalizar. Complicado, pois não sei se a música banaliza a mulher ou se a banalização da mulher faz a música!"

E23: "As música sertanejas e o arrocha".

E24: "A música banaliza a mulher sim".

E25: "A música coloca a mulher como um objeto do homem".

E26: "Não, acho que as mulheres que não se respeitam".

E27: "Não é culpa da música é culpa da mulher".

Dentre os gêneros que mais evidenciam essa violência a mulher em primeiro lugar fica o funk, sertanejo e axé. Uma das músicas mais lembradas pelos entrevistados é o hit "Só as Cachorras" de um grupo musical denominado "Bonde do Tigrão". O hit foi lançado no mercado em 2007 e é referência até hoje nas mais diversificadas festas populares.

A letra estimula a sexualidade e a violência masculina, como pode ser observado abaixo:

> (...) Vem pra cá com o seu tigrão; vô te dar muita pressão; quando eu vejo um popozão; rebolando no salão; não consigo respirar; fico louco pra pegar; melhor tu se preparar que o tigrão vai te ensinar; agora e ruim de tu fugir; que o tigrão vai te bulir; se tu corre por aqui; eu te pego logo ali ;eu vou lutar ate o fim; vou trazer você pra mim; e eu te chamo bem assim: uh só as cachorras... (Só as Cachorras, Bonde do Tigrão, 2007).

Após as chamadas dos cantores de funk, as mulheres latem em resposta mostrando uma degradação até então inacreditável.

Alguns entrevistados citou o grupo Gaiola das Popozudas com a música “Agora virei puta”. Somente a partir do nome do grupo "Gaiola das popozudas" e da música "agora virei puta" já se tem uma degradação da condição feminina. Como algo que está preso ao masculino. Ainda dentro desse viés, observamos a letra contra a mulher: “Só me dava porrada!” (A submissão feminina e a violência ficam explicitas), "Eu lavava passava", (O papel de subserviência), "Se um tapinha não dói eu falo pra você" (A vingança feminina) "Segura esse chifre". Com vocabulário degradante a música segue afirmando que a solução para resolver a violência e a submissão é a vingança por meio da transformação da mulher em prostituta. O que é desmoralizante e degradante. O *hit*, lançado em 2012 faz sucesso nos bailes funks de todo o país indiscriminadamente. Já o grupo é composto por mulheres malhadas, com roupas sensuais.

Os entrevistados também se referiram a música “Beijinho no ombro” interpretado por Walesca Popozuda. A música dissemina a violência como forma de solução para os problemas por meio do trecho: "Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba". O hit de 2014 é a nova sensação do momento.

Foram lembradas ainda músicas “clássicas” de desrespeito como "Vai descendo na boquinha da garrafa, é na boca da garrafa" é um hit em que as mulheres dançam e vão descendo com as pernas abertas até se aproximarem o máximo possível de uma garrafa de cerveja. Do grupo “É o chan”, que fez sucesso utilizando-se de letras pobres, de dupla sentido, altamente sensual, e cujo único papel que a mulher tinha era de objeto. Comportamento que ficou evidente nos escândalos vividos pelos integrantes e compositores do grupo até a sua completa dissolução.

Finalmente entre a minoria dos entrevistados que acreditam que a música não banaliza a mulher as respostas dadas pelos entrevistados foi no

sentido de que a banalização da mulher está ligada diretamente ao pensamento machista também inerente à cultura brasileira ou no sentido de que a musica apenas expressa aquilo que está posto na sociedade. No sentido de que a mulher não se respeita. De que ela não se valoriza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato a música tem um influencia que não pode ser ignorada, uma música antiga nos traz lembranças e sentimentos do passado, quase que no segundo que começa a tocar. Esta influência é rápida e até inconsciente. O artigo não pretendeu dar resposta a este problema, mas suscitar o debate sobre o assunto.

E diante de todo o levantamento realizado o que se depreende e que infelizmente a violência contra a mulher é uma realidade nacional. Que a música está imbuída de um papel muito forte no inconsciente social, pois ela expressa nossa individualidade e nossa coletividade. E que o papel da música deve ser repensado, pois ele exerce forte influência sobre as pessoas, e o tipo de musica que hoje e disseminado pela mídia contribui negativamente para reforçar preconceitos contra a mulher. Distorcendo sua imagem e negando sua real contribuição como pessoa que trabalha, luta, que é mãe, esposa, professora, médica, advogada etc. Reduzindo-a a um corpo sexual, para dar prazer ao homem. A música hoje tem perdido o seu sentido, o (*mousikē*) que é traduzido como “arte das musas” em que os artistas se inspiravam.

Preocupa-nos a letargia e sentido de dormência que tomou conta da sociedade, que não pensa, não discute e aceita tudo de forma passiva. Que este trabalho venha contribuir na discussão, e fazer com que todos repensem o seu papel na construção social, inclusive músicos, compositores, interpretes entre outros. Pois eles são a voz do povo e a expressão da nação, sem voz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARAÚJO, Dário Pires. **Efeitos e usos da música.** Belo Horizonte: Ed. Atrium, 1998. 78 p.

BAHLS, Saint-Clair e NAVOLAR, A. B. B.Terapia Cognitivo-comportamentais: Conceitos e pressupostos teóricos. **Revista eletrônica de psicologia,** n. 04, Curitiba, jul. 2004. Disponível [on-line]: <http://www.utp.br/psico.utp.online> Acesso em: 25 de Junho de 2009.

BRÉSCIA**,** Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical:** bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

BLOOD, A. J.; ZATORRE, R. J., BERMUDEZ, P. e EVANS, A. C. *Emotional responses to pleasant and unpleasant musica correlate with activity in paralimbic brain regions.**NatureNeuroscience***, 2, 382-387.1999.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 519 p.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies.** Col. A obra prima de cada autor. São Paulo: Saraiva, 1869.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias**. Violência Doméstica:** análise da lei "Maria da Penha", nº 11.340/06. Salvador, BA: Edições PODIVM, 2007.

CUNHA, A. C. B.Análise experimental do comportamento. **In: RANGÉ, B. (Org.). Psicoterapia Comportamental e Cognitiva:** pesquisa, prática, aplicações e problemas. São Paulo: Editorial Psy, 1998, p. 15-25.

DAVID, C.M. O objeto sonoro em Freud. Psicanálise & Barroco.**Revista de Teoria Psicanalítica**, v.07, 06/2007. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/07/OBJETOSONORO.pdf>. Acesso em: 28 maio 2013.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5º ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1993. 386p.

FREUD, S.O inconsciente 1915. v.XIV In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAINZA, Violeta Hemsy de. Estudos de Psicopedagogia Musical. 3º Ed. São Paulo: Summus, 1988.

GARCIA, R. Cérebros Afinados: Massa Cinzenta Auditiva revela Segredos do Talento Musical. **Galileu-Ciência**, n. 132, p. 67-71, nov. 2002.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente**: A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1994.

GEWHER, Rodrigo Barros. **Do grupo ao indivíduo**: A tirania da mídia televisiva no mundo adolescente. http://www.unoescjba.rct-sc.br. Acesso em: mar 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º ed. São Paulo, Atlas, 1999. p.71-72.

HOUAISS. A. O Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Rideell, 2011.

JANOTTI, Jeder. Por uma análise midiática da música popular massiva: Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. **UNIrevista,** 2006, p11.

LACAN, Jacques. As Formações do Inconsciente In: **O Seminário Rio de Janeiro**: Jorge Zahar Editor, 1999.

LENO, H. Loyd. Trad. Rodrigo Pinto Muller. **Música**: seus efeitos sobre o homem. Belo Horizonte. Ed. Atrium, 2002.

METZ, Cristian *et al*. **Psicanalise e Cinema**. São Paulo: Global editora, 1980.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Cultura midiática e educação infantil**. Educação e sociedade, Campinas, 2003.

MELLO, Adriana Ramos de**.** Aspectos gerais da lei. **In: _____. (Org.). Violência Doméstica e familiar contra a mulher. Comentários à Lei de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher.** Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2007.

MONSON, Thomas S. ***Be Your Best Self.***Estados Unidos da América: Best Seller, 1979.

OMS. **Informe Mundial sobre Violência e Saúde 2002,** disponível emhttp://www.who.int/violence_injury_prevention/ Acesso em: 02 de Abril de 2009.

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Coletânea de músicas para 2008. **Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. UEL – Londrina.** 2008.

ONGARO, Carina de Faveri e SILVA, Cristiane de Souza. **A importância da música na aprendizagem.** UNIMEO/CTESOP. 2006. Disponível em: http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/music.pdf Acesso em 20/11/2008.

ORTIZ, P. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2009. 304 p.

PRADO, Flávio de Almeida. **Prazer, a energia dos vencedores**. São Paulo: Mercuryo, 1998.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo Perdido:** No caminho de Swann-Combray. Vol1. 1913.

ROSIN, Alessandra Ferreira e TINOCO, Bruno César Barbosa. **O uso da música no ensino de língua estrangeira**. Licenciandos de Letras Português-Alemão – UFRJ. 1999.

SACKS, Oliver. A grande orquestra do cérebro. **Revista Veja**. São Paulo, n. 2027, p. 51. 2007.

SAFFIOTI, H.I.B., ALMEIDA, S.S. **Violência de gênero: poder e impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995, 218p.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura, São Paulo, Paulus. 2004. 357p.

STEFANI, Gino. **Para entender a música**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

SKINNER, B.F. **O comportamento dos organismos vivos**. New York, 1938.

SOARES, Bárbara Musumeci.**Mulheres invisíveis: violência conjugal e as novas políticas de segurança.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. **O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento:** aspectos cognitivos e afetivos. 2004. Disponível em: http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=621. Acesso no dia 20 de setembro de 2008.

WEINEL, A. M. Brincando de Música: experiência com sons, ritmos, música e movimentos na pré-escola. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

WISNIK, José Miguel. **O Som e O Sentido**:Uma Outra História das Músicas. Cia. das Letras, São Paulo, 1999.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Câmara. **Artigo**: Avaliação Formativa e seu sentido de melhoria do processo de ensino-aprendizagem.2007 Disponível em: http://www.centrorefeducacional.com.br/avapque.htm Acesso em 05/12/2008.

**OUTRAS FONTES CONSULTADAS:**

www.musicutoronto.ca, 2012

www.yahoo.com.br, 2012

www.opiniaoenoticia.com.br, 2013

www.ibge.com.br, 2010; 2011; 2012; 2013